



EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURAS JUVENIS: CONEXÕES EM UMA ESCOLA PÚBLICA

PARRELA. G. C.¹; FIGUEIREDO, M.X.B.¹

¹, *Programa de Pós-Graduação em Educação Física – ESEF/UFPEL*

INTRODUÇÃO - Abrindo as cortinas

As aulas de Educação Física no meu cotidiano escolar tiveram um significado bem particular por ter despertado em mim o gosto pelos temas que dizem respeito à educação. Elas eram esperadas com o maior entusiasmo por todos nós, apesar de serem ministradas no turno inverso, de termos somente um professor para várias turmas exclusivamente masculinas.

O nosso espaço, mesmo sendo nas dependências da escola, não oferecia condição para as nossas práticas de futebol, pois era assim que se definia a Educação Física. Apesar de todo um conhecimento de brincadeiras e outras atividades em nossas aulas não nos era permitida vivenciá-las. Posso dizer que ainda hoje é comum no cotidiano escolar o esporte como atividade principal, e vejo nesta perspectiva como essa área do conhecimento é desenvolvida, sem o compromisso com a formação do estudante, enquanto sujeito político e sócio-cultural.

Vejo que esta forma de trabalhar a Educação Física tem o sentido de disciplinar e controlar os corpos, para não deixá-lo manifestar as suas mais diversas formas de expressão corporal e cultural, configurando assim um meio excludente de ensinar.

Outro aspecto que me incomodava eram as brincadeiras de rua, danças, lutas, manifestações culturais das mais diversas que não adentravam os muros da escola. De acordo com Dayrell (2001, p. 147): “Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos”.

Vê-se como esta cultura bancária, disciplinadora de corpos, está distante desta cultura juvenil, com os seus jeitos de falar, vestir, comunicar. Este descompasso se manifesta na exigência que a escola coloca para estes estudantes através das suas regras e imposições. Regras essas que para serem cumpridas exigem muitas vezes que este jovem “desvista” sua identidade.

Segundo Corti:

A escola e sua clientela juvenil são partes indissociáveis do processo

educativo, contudo, à distância entre o mundo da escola – com seus saberes, regras e procedimentos – e o mundo dos alunos com suas experiências e interesses - tem proposto problemas para todos os envolvidos: profissionais da educação, pais e os próprios jovens destinatários da ação escolar. Assim a escola passa a agir com se os indivíduos à sua frente estivessem ali exclusivamente para aprender e, mais ainda para aprender aquilo que está nos currículos formais e de acordo com que a organização escolar permite. (2001, p.8).

Estas são as observações que venho acompanhando nessa minha trajetória como aluno e agora como professor do ensino fundamental e médio em instituições públicas de ensino no Estado de Minas Gerais.

Dentro da problematização apresentada procuro, nesse estudo, embasar-me teoricamente em busca de respostas e/ou outras perguntas acerca das conexões possíveis das aulas de Educação Física com as culturas juvenis com jovens do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Belo Horizonte/MG, e que esta pesquisa propicie a todos eles vivenciar o seu corpo em sua plenitude, longe das amarras desta sociedade que tenta de todas as formas domesticá-los.

MATERIAIS E MÉTODOS - Entrando no “palco”

A nossa questão é saber como as aulas de Educação Física dessa Escola estão em conexão com as culturas juvenis. Na garimpagem das informações serão utilizadas observações das aulas, dos espaços da escola, dos grupos de culturas, realização de oficinas de humanização e resgate das memórias culturais dos atores, entrevista semi-estruturadas, fotografias, filmagens e análise de vídeos.

A pesquisa será de natureza qualitativa, orientada pela metodologia do Estudo de Caso, em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Belo Horizonte/MG, com três turmas de alunos da oitava série do turno da manhã, na Escola Municipal Francisco Campos.

A idéia é trabalhar, através de registros das memórias de um grupo de jovens envolvidos nas mais diversas manifestações culturais, no sentido de compreender como essa produção cultural circula/ envolve /delimita /se expressa no cotidiano escolar.

Desse modo, a pesquisa faz uma articulação teórica permanente, de modo a oferecer novos significados aos conceitos, reflexões, vivências e informações, observações garimpadas em muitos anos de “aulas a céu aberto”¹ e acompanhar o que surgir de novo no campo de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - Sinais das culturas e suas conexões

Os achados, indicativos garimpados nesta trajetória das vivências de um adolescente, professor, que volta a ser estudante novamente, para procurar ler a cultura. Como essa cultura dos adolescentes circula, chega, dança nos espaços reais e invisíveis de uma escola pública? Isso me põe a refletir sobre as possibilidades de tornar as aulas de Educação Física prazerosa geradora de uma multiplicidade de encontros de culturas que ficam invisíveis aos olhares poucos sensíveis daquilo que foge as rotinas dos currículos.

¹ Aulas realizadas no pátio, nas quadras, nos cantos descuidados da escola onde o sol, o vento e a chuva são nossos companheiros cotidianos.

Esta área do conhecimento tem-se caracterizado, predominantemente, por uma prática desconectada do cotidiano dos jovens/adolescente, portanto de seus sentimentos, sonhos, valores, expressões etc. De acordo com as observações realizadas, o máximo que acontece é um reconhecimento no campo das diferenças. Essas manifestações e expressões, geralmente, têm um lugar pouco significativo no cotidiano da escola em detrimento do conteúdo escolar, tornando-se visíveis em dias festivos com horas marcadas...

CONCLUSÕES – Porto de chegada...

A escola pode e deve ser um espaço de formação ampla para esses jovens, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. Os acessos aos conhecimentos, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular desse adolescente/jovem como sujeito sociocultural.

Na comunidade, onde a Escola está inserida, há uma grande movimentação de grupos de capoeira, hip-hop, forró, grafite, circo, artesãos, congados, folia de reis, e tantas outras que estão se apropriando dos espaços públicos, dentre estes a escola. Na escola pesquisada começamos a aprender a interagir com as culturas juvenis que se fazem presentes de muitas formas, no interior e no seu entorno, portanto, estamos construindo conexões.

Entendemos que esta pesquisa é importante, pois estudar tempos/espaços de aprendizagem na escola é essencial, à compreensão das possíveis conexões das culturas juvenis, com as culturas da vida dos jovens, dos professores e das professoras e da comunidade. Portanto, novas conexões de vida, novos portos a espera de muitos viajantes...

Referências

- BRACHT, Valter. *Educação Física e Aprendizagem*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 2ª Ed. Campinas – SP: Papyrus, 1991.
- CONSTANTINI, Alessandro. *Bullying, como combatê-lo?* Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- CORTI, Ana Paula. *O encontro das culturas juvenis com a escola*/Ana Paula Corti, Maria Virgínia de Freitas, Marília Pontes Sposito. São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2001.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- DAYRELL, Juarez. *A escola faz a juventude?* Reflexões em torno da socialização juvenil, 2007, inédito.
- JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SOARES, José Montanha e FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. *O Poder Simbólico no Cotidiano Escolar: Reflexões sobre o corpo da Criança*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

SOUSA, Estaquia Salvadora, VAGO, Tarciso Mauro (Org). *Trilhas e partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997.